

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JOÃO BOTELHO – OS FILMES SÃO HISTÓRIAS, O CINEMA É A MANEIRA
DE AS CONTAR
2 de setembro de 2022

UM FILME EM FORMA DE ASSIM / 2022

Um filme de João Botelho

Realização: João Botelho / *Argumento:* João Botelho com Maria Antónia Oliveira, a partir de Alexandre O'Neill / *Produção:* Alexandre Oliveira / *Assistência de Realização:* António Pinhão Botelho, Tomás Novais de Castro / *Direção de Fotografia:* João Ribeiro / *Montagem de Imagem:* João Braz / *Montagem de Som:* Paulo Abelho / *Assistência de Imagem:* Ricardo Simões, José Pedroso / *Direção de Som:* Francisco Veloso / *Conceção de Cenários:* Alexandre Oliveira / *Guarda-roupa:* Joana Veloso / *Direção de Produção:* Pedro Bento / *Administração de Produção:* Ana Bordalo / *Música:* Daniel Bernardes / *Interpretações:* Pedro Lacerda (Alexandre), Inês Castel-Branco (Francesa), Cláudio da Silva (Fotógrafo), Crista Alfaiate (Ema), Ana Quintans (Cantora), Carmen Santos, Rita Blanco, Joana Botelho (Luísa), Joana Santos, António Costa, Alexandra Sargento, Sofia Marques, Marina Albuquerque, Melissa Matos, Carolina Campanela, João Maria, José Martins, Luís Lucas, Gabriela Barros (Irene), João Barbosa, Pedro Diogo, Carolina Serrão, Vera Moura, Dinis Gomes, Luís Mesquita, Marcello Urgeghe, Francisco Tavares, Maria João Pinho, Sandra Santos, Carla Bolito, Dinarte Branco, Salvador Gil, Vicente Gil, Isábel Zuaa, André Bomes, Rita Rocha Silva, João Araújo Maria Leite, João Pedro Vaz, Leonaldo Almeida, Matamba Joaquim, Hugo Mestre Amaro, Mitó Mendes, Maya Booth, Soraia Chaves, Mafalda Lencastre, Filipe Vargas, Pedro Inês, “Brit” Jarbas Krull, Diogo Leite, Fernando Santos, Hugo Silva, Yoann Auboyneau / *Cópia:* DCP, a cores, falado em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia Nacional:* 28 de Abril de 2022, IndieLisboa / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Um filme que é um misto de coisas: na senda de **Filme do Desassossego** (2010), trata-se de uma forma de revisita, por João Botelho, de uma obra poética que se desdobra num mundo cheio de mundos. Há, portanto, desde logo, esta vertigem contida no ato de encenar ou transformar em *mise en scène* um universo textual vasto e labiríntico. O esforço de síntese é notável, a tapeçaria inter e hipertextual também. Nesse sentido, esta coisa é, antes de mais, um *digest* bem “esconjurado” (para usar uma palavra invocada pelo próprio O'Neill para caracterizar o seu processo de escrita) do universo do poeta (a isso se deverá também a colaboração entre João Botelho e a especialista em O'Neill, a Professora Maria Antónia Oliveira). Mas, seguindo a frase célebre de Botelho (a de que “os filmes são as histórias e o cinema a maneira de as contar”), a outra coisa tão ou mais importante é o cinema que anima este *medley* de referências o'neillianas, que, como o poeta, não dá descanso ou não “prega olho” (é famoso o seu epitáfio, escrito aos trinta anos de idade: “Aqui jaz Alexandre O'Neill, o homem que dormiu muito pouco bem que merecia isto”).

De regresso ao estúdio, mostrando as “costuras” que fazem do cinema o engodo mais verdadeiramente sentido, à laia, quiçá, do início de **Benilde ou a Virgem Mãe** (1975) de Manoel de Oliveira ou da “casa de bonecas” de **Cinderfella** (1960) de Jerry Lewis, entramos numa Lisboa transformada em *set* deslizante. Cidade noturna reimaginada através do verbo de O'Neill e filtrada ainda pelo cinema de Botelho, quer dizer, por Oliveira, por

Lewis, sim, mas também por Jacques Demy, Vincente Minnelli e, porque não?, Fernando Lopes. As referências que se cozinham aqui combinam com o teatro, com o musical, em suma, com uma certa ideia de palco. E João Botelho, com uma câmara mais fluida do que é habitual, acompanha o passo da palavra que corre imparável, como quem procura agarrar um carteirista apanhado na rua em flagrante delito.

Sublinhando o espetáculo cenografado em torno desta perseguição desenrolada algures entre o cinema e a poesia, Botelho recorre a cores, à *steadycam* e a *drone shots* que evocam – e invocam no espaço da *mise en scène* – os velinhos Technicolor e *crane shots* de Minnelli ou os *travellings* deslizantes e o jogo de pés de Fernando Lopes, nomeadamente no seu *verdadeiro* “musical lisboeta” (*falso* documentário sobre um pugilista) chamado **Belarmino** (1964), ao qual O’Neill dedicou um dos seus mais belos poemas: “Esperam de 1 a 10 que a gente, oxalá, não se levante – e a gente levanta-se, pois pudera, sempre”. Esta agilidade, que faz com que “a coisa” nunca se deixe ficar pelo chão, provém, claro, da energia satirizante ou surrealista emanada da escrita de O’Neill, poeta que, tal como este filme, foi muitas coisas ao mesmo tempo: mulherengo, solitário, boémio, melancólico, poeta, publicista, prosador, letrista e, não menos importante, alguém que amava e odiava este modo malsão de ser, o ser português – questão muito sua, “que tinha consigo”, como canta e chora no seu poema *Portugal*.

E se a verdade histórica não interessa assim tanto a este divertimento de Botelho filmado durante a pandemia Covid-19, é porque, como se diz a dado momento, a lenda consegue ser mais verdadeira que a verdade ela mesma (citação de John Ford ou ainda não saímos de O’Neill?). O que ressalta deste passeio pela *ars poetica* e pela vida cheia de ir e voltar do “coiso” O’Neill é a ideia de passeio. A construção episódica obedece à estrutura do seu livro de contos, *Uma Coisa em Forma de Assim*, coleção de observações sobre o dia-a-dia miserável de um país onde falta(va) aventura mas onde abunda(va) a “pequena dor à portuguesa”, palavras de O’Neill no seu poema/carta de amor chamado *Um Adeus Português* (momento sublime no filme que nos remete, em modo de hiperligação, para o próprio universo cinematográfico de Botelho, mais concretamente para o título da sua obra-prima de 1986, sobre um Portugal destroçado pela presença-ausência da Guerra Colonial).

Esta poesia em forma de crónica é convertida num rendilhado – coreografia nada simples – de episódios que se sucedem, num mundo feito palco onde se musealizam referências diretas ou indiretas ao universo de O’Neill: há as fotografias de Fernando Lemos (o fotógrafo surrealista que mais intensamente viveu esse “adeus português” e fugiu para o Brasil), mas também há os *slogans* publicitários (“Vá de Metro, Satanás”, “Bosch é Brom”) e ainda, por exemplo, um excerto do mal-amado **Sete Balas para Selma** (1967) de António de Macedo, com a cena *camp* q.b. em que Florbela Queiroz canta/sussurra em cima de um piano (as palavras são do poeta, pois claro). Para divertimento – o subtítulo algo inesperado, em jeito de filme contingencial, é “um divertimento em tempos de pandemia” – **Um Filme em Forma de Assim** resulta numa produção espampanante e num virtuoso exercício de câmara não tão comum quanto isso na obra recente de Botelho (os vários planos filmados em *continuum* são, de facto, impressionantes, revelando um domínio absolutamente notável sobre a produção, tanto na direção artística quanto na fotografia e, sublinhe-se, na direção de atores). Trata-se de uma celebração do mundo de O’Neill – do seu Portugal, da sua cidade, enfim, do seu riso de homem triste – através do olhar deste realizador-cinéfilo tocado pelo cinema romântico e espetacular de outros tempos.

Luís Mendonça